

A cerâmica moderna proveniente da escavação da Casa Irene Rolo (Tavira).

Jaquelina Covaneiro
Sandra Cavaco

Resumo:

Em resultado da intervenção arqueológica de emergência efectuada na Casa Irene Rolo foi exumado um vasto conjunto de material arqueológico. O estudo, nomeadamente do material cerâmico, sugere uma cronologia situada entre os finais do século XV e o século XVIII. Do conjunto analisado, a cerâmica comum é predominante, embora a faiança ou a cerâmica do Alto Alentejo também sejam representativas. Pelas características do contexto arqueológico de deposição dos materiais estamos perante um contexto de entulho/lixeira.

1. Introdução

1.1. Breve Resenha Histórica

De origem quinhentista, o edifício “Irene Rolo” – nome de uma ilustre benemérita local que aqui habitou no século passado – mantém grande parte da sua expressão arquitectónica original, apesar de algumas alterações ocorri-



Fotografia 1 – Edifício “Irene Rolo”.

das ao longo dos séculos. Localiza-se na Rua da Liberdade, Tavira, em *Zona Especial de Protecção às Murallas do Castelo*, sendo fruto da expansão e/ou renovação urbana que a cidade conheceu durante os séculos XV e XVI.

Esta expande-se para fora do perímetro amuralhado, sendo a actual rua da Liberdade um dos locais que maior actividade construtiva regista a partir deste período.

De planta longitudinal irregular, compõe-se de três pisos abertos por molduras dos séculos XVI, XVIII e XIX na fachada principal. O piso superior é destacado pelo alteamento do volume, mantendo uma janela proto-renascentista, porventura uma das manifestações mais antigas desse estilo em território nacional. A nível das coberturas, assinala-se a presença dos tradicionais telhados de tesouro.

O imóvel assume especial importância no contexto da arquitectura histórica de Tavira por constituir um dos poucos testemunhos da arquitectura civil renascentista ligada à actividade do famoso mestre pedreiro André Pilarte, ao qual se associam importantes edifícios como a igreja da Misericórdia (1541).

1.2. O Projecto de Reabilitação

O imóvel encontrava-se devoluto, denotando graves patologias estruturais decorrentes da sua idade avançada e deficiente manutenção dos seus elementos construtivos, pondo em causa a sua estabilidade. Foi então adquirido pela Câmara Municipal de Tavira (2002), que procedeu à sua recuperação

O projecto de arquitectura conduziu a uma habilidosa intervenção no edifício, com uma metodologia compatível e inovadora no sentido de recuperar a sua solidez estrutural e de manter as suas características, pondo em evidência algumas disposições construtivas e elementos patrimoniais redescobertos no decurso das obras. Realce-se, neste ponto, a descoberta de uma coluna (romana?), localizada numa das paredes do edifício, e a presença de algumas molduras quinhentistas do período manuelino, que se encontravam ocultas sob camadas de reboco e cal, com destaque para o pórtico em arco contracurvado, antiga entrada principal do edifício.

1.3. A Intervenção Arqueológica

No decurso da obra de reabilitação do edifício “Irene Rolo”, ocorreu o aluimento de uma parede de suporte de terras, no piso superior. A observação do sedimento daí resultante permitiu reconhecer a abundância de material arqueológico (cerâmica, fauna mamalógica, malacológica, etc.). Perante esta evidência, o Serviço de Arqueologia Conservação e Restauro, promoveu uma intervenção arqueológica de emergência.

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no local passaram, essencialmente, pela crivagem do sedimento resultante do derrube (Contexto A) e pela limpeza dos perfis Norte e Oeste. A escavação efectuada foi mínima, uma vez que a



Fotografia 2 – Aspecto do interior do edifício após o aluimento da parede.

empresa responsável pela reabilitação do edifício promoveu uma solução estrutural, cujo impacto na área em causa era ínfimo. Assim, apenas se procedeu à escavação dos Contextos I e J, cuja área total não ultrapassou um 1m², por 15cm de profundidade.

O material arqueológico recolhido é maioritariamente proveniente da crivagem do Contexto A, pois com excepção do Contexto I e J, os restantes contextos foram identificados após a limpeza do perfil Norte.

2. Os Materiais Arqueológicos

2.1. As Cerâmicas

Os materiais cerâmicos em análise correspondem apenas a uma pequena percentagem do espólio exumado. O estudo do restante material encontra-se em progresso pelo que poderão ocorrer algumas alterações na nomenclatura utilizada na designação de algumas formas. Relativamente aos materiais que agora publicamos optou-se pela selecção das formas tipológicas mais abundantes e por alguns exemplares ilustrativos das mesmas.

Este lote de materiais revela-se relativamente uniforme, do ponto de vista das pastas e do tratamento de superfície. Uma das características dos materiais exumados é a sua elevada fragmentação. Do conjunto de materiais a seguir enunciado

apenas uma caçoila (Fig. 4) e um tacho (Fig. 7) apresentam forma completa.

2.1.1. As Pastas

De um modo geral as pastas são de cozedura oxidante. Apresentam textura granular, compacta, com elementos não plásticos de tamanho fino e médio, não muito abundantes. A tonalidade das pastas é relativamente uniforme, predominando a coloração castanha avermelhada ou alaranjada. Em algumas peças, como a caçoila (Fig. 4), é possível observar o centro com uma tonalidade cinzenta, que passa progressivamente a vermelha. Este aspecto reflecte alterações ocorridas durante o arrefecimento da carga do forno em ambiente oxidante após cozedura redutora.

De um modo geral, as superfícies apresentam um engobe avermelhado, de tonalidade idêntica à da pasta ou levemente alaranjado, sendo alisadas e por vezes rugosas. Em alguns casos foi aplicado um brunido (Fig. 1, Fig. 3, Fig. 18), que se apresenta pouco homogêneo. A retícula é, regra geral, vertical no colo e no bojo. A presença de vidro apenas foi identificada numa panela (Fig. 15) e numa caçoila (Fig. 4).

As superfícies externas das panelas, tachos e caçoilas apresentam sinais de enegrecimento pelo fogo.

O fabrico das peças aparenta ser relativamente homogêneo, apresentando as peças um ar muito similar, exceptuando quatro fragmentos (Fig. 8, Fig. 20, Fig. 21, Fig. 22), de fabrico possivelmente norte alentejano. Estas caracterizam-se por pastas compactas, com escassos elementos não plásticos. De tonalidade avermelhada, apresentam a superfície interior com engobe da mesma tonalidade e a superfície exterior brunida. O brunido caracteriza-se por uma retícula brunida vertical, deteriorado em algumas porções da peça.

2.1.2. Formas

O presente estudo inclui formas, quer fechadas, quer abertas, ligadas à confecção de alimentos, ao consumo e transporte de líquidos e ao serviço de mesa.

No que respeita as formas fechadas, identificamos a presença da panela, do cântaro, do jarro, do pote e da redoma. Relativamente às formas abertas, regista-se a presença da taça, da caçoila, do tacho e da tampa.

As panelas destinavam-se à confecção de alimentos, apresentando indícios de sujeição ao fogo, através do enegrecimento da superfície externa. Das panelas identificadas apenas uma apresenta asa a arrancar do bordo (Fig. 16). Caso exista nos restantes exemplares esta deveria arrancar do bojo, aspecto que se começa a generalizar a partir dos inícios do século XVI.

Destinados ao transporte de líquidos (e, eventualmente, ao seu armazenamento), os cântaros em estudo foram engobados em ambas as superfícies, sendo que um deles (Fig. 19) possui três caneluras, no exterior, ao nível do arranque da asa.

Utilizado no serviço de mesa, o jarro em apreço apresenta engobe em ambas as superfícies, sendo que na externa, foi realizada decoração geométrica através de brunido.

Os potes serviriam para armazenamento e transporte, sendo

muitas vezes cobertos com um pano fixado com um cordel. Tal como nas formas anteriores, o pote da amostra foi engobado em ambas as superfícies, apresentando, ainda, brunido na face externa.

Outra forma do serviço de mesa presente é a redoma. Como noutros casos da amostra, esta peça é de fabrico, possivelmente, norte-alentejano, apresenta engobe nas duas faces e brunido na face externa. Possui, ainda, uma canelura abaixo do bordo.

São três os exemplares de taças na amostra apresentada, sendo que uma delas é de dimensões mais reduzidas. Estes exemplares pertencentes ao serviço de mesa apresentam decoração. Dois dos exemplares apresentam caneluras, outro apresenta decoração incisa denteada e todos ostentam engobe.

Das formas relacionadas com a confecção de alimentos, a caçoila também se encontra bastante representada na série da Irene Rolo. Existe uma grande diversidade nos exemplares em estudo, quer do ponto de vista morfológico, quer do ponto de vista das dimensões.

Dos quatro exemplares da amostra, dois apresentam brunido pouco uniforme, um encontra-se engobado e apresenta linhas horizontais incisas na face externa e um último encontra-se vidrado a verde e melado. Duas delas ostentam marcas de uso no fogo, sendo que apenas uma possuía pega horizontal.

As pegas laterais, triangulares, dispostas a partir do lábio, surgem nestes recipientes em meados do século XVI prolongando-se ao longo do século XVII, durante o qual se mantêm, variando apenas no tamanho (FERNANDES e CARVALHO, 1998: 213). Também para confeccionar alimentos, temos os tachos, sendo que um dos exemplares apresenta perfil completo. Todos os exemplares apresentam marcas de fogo e dois deles apresentam pegas horizontais.

As tampas são elementos que, com a chegada do século XVII, ganham relevância. Estas, como o nome indica, serviam para cobrir a boca de um recipiente. Dos três exemplares em estudo, apenas um tem perfil completo. Assim, não é possível averiguar se os outros dois exemplares também não possuíam elemento de prensão. Dois deles apresentam perfil curvo.

2.1.3. Paralelos

Se exceptuarmos as louças de fabrico, possivelmente, norte-alentejano, a uniformidade das pastas e tratamento das superfícies das peças da amostra sugerem um mesmo centro produtor, provavelmente, local ou regional. Este facto dificulta a identificação de peças morfológicamente semelhantes provenientes de outros sítios arqueológicos.

Contudo, é fácil verificar semelhanças ao nível morfológico entre a amostragem em estudo e materiais provenientes de Cascais (CARDOSO e RODRIGUES, 1999), Lisboa (DIOGO e TRINDADE, 2000), Palmela (FERNANDES e CARVALHO, 1995), Porto (BARREIRA [et al.], 1998) e Santarém (MENDES, [et al.], 2002),

3. Amplitude cronológica da amostra

Para além da informação recolhida através da análise dos materiais acima descritos, existem outros dados que nos podem auxiliar no estabelecimento de limites cronológicos para este contexto. Trata-se de um conjunto de nove numismas e de 24 fragmentos de cachimbo.

Os numismas identificados encontram-se em mau estado de conservação, facto que poderá relacionar-se com o caso de serem moedas muito circuladas, o que altera por completo a possibilidade de reconhecer as suas características originais. Foi possível reconhecer oito ceitis, sendo que ostentam no anverso o castelo banhado pelo mar e no reverso o escudo. Em alguns casos é possível identificar o reinado sob o qual foram cunhadas (D. Afonso V e D. Manuel I).

Os ceitis, categoria tipológica a que pertence o nosso conjunto, foram cunhados desde o reinado de D. Afonso V até ao reinado de D. Manuel I, o que aponta para uma cronologia centrada entre o século XV e XVI.

Dos 24 fragmentos de cachimbo identificados, apenas três apresentam marca, dois são em cerâmica vermelha e 22 em caulino. A análise das marcas permitiu constatar, em um deles, semelhanças com os materiais exumados da escavação do Caminho da Ronda no Castelo de São Jorge, nomeadamente com o cachimbo n.º 41 (Prancha 4). O motivo decorativo é comum nas produções holandesas do século XVII e nas produções holandesas e francesas do século XVIII.

Num outro fragmento, a fornalha ostenta uma cercadura com pequenos traços incisos. Este tipo de decoração surge no século XVII e perdura ao longo dos dois séculos seguintes. A morfologia do cachimbo aproxima-o das produções holandesas, em especial do centro produtor de Gouda.

Assim, a cronologia relativa fornecida por estes materiais situa-se entre o final do século XV e o século XVIII.

4. Conclusão

A uniformidade das pastas e o tratamento de superfície parece apontar para uma produção local ou regional da maioria das peças em análise.

A presença significativa de fragmentos cerâmicos, de fabrico norte alentejano, confirma a vocação comercial da cidade ao longo dos séculos.

A continuidade do estudo dos materiais provenientes deste sítio arqueológico irá, certamente, auxiliar a estabelecer cronologias mais fiáveis e esclarecer as relações comerciais da urbe no período em análise.

O espólio analisado parece centrar-se entre os finais do século XV e o século XVIII. Esta cronologia é parcialmente confirmada pela presença dos cachimbos e dos numismas.

5. Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer aos elementos da equipa da Divisão de Património e Reabilitação Urbana, em especial a

Daniel Santana, pelas informações sobre o edifício. Endereçamos um agradecimento muito especial aos elementos do Serviço de Arqueologia, Conservação e Restauro pelo apoio prestado e o elevado profissionalismo, sem os quais o nosso trabalho não poderia dar frutos.

6. Bibliografia

- BARREIRA, P.; Dordio, P. e Teixeira, R. (1998) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do século XVI a meados do século XVIII. *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval*. p. 145-184.
- CARDOSO, G. e Rodrigues, S. (1999) – Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais. *Arqueologia Medieval*. 6. p. 194-210.
- CARDOSO, J. L. e Encarnação, J. (1990) – Dos períodos medieval e moderno. In *Arquivo de Cascais*. Boletim cultural do Município. Câmara Municipal de Cascais. 9. p. 45-62.
- CARREIRA, C. (2005) – Cerâmicas Modernas do Palácio Mogo de Melo de Torres Novas. Coleção Estudos e Documentos. Câmara Municipal de Torres Novas.
- CATARINO, H. (1995) – Cerâmicas tardo-medievais/modernas do Alto Alentejo: a escavação de um silo na vila do Crato. *Actas das 1^{as} Jornadas de Cerâmica medieval e pós-medieval*. p. 129-136.
- DIOGO, A. M. D. e Trindade, L. (2000) – Cerâmicas de barro vermelho, encontradas em entulhos do terramoto de 1531, na intervenção arqueológica da Rua dos Correiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3. 2. p. 201-235
- FERNANDES, I. C. F. e Carvalho, A. F. (1995) – Conjuntos cerâmicos pós-medievais de Palmela. *Actas das 1^{as} Jornadas de Cerâmica medieval e pós-medieval*. p. 211-255.
- IZQUIERDO, H. L. e Gómez, A. T. (1995) – Caracterización y tipología de la cerâmica medieval de la provincia de Zamora, siglos XI-XIV. *Actas das 1^{as} Jornadas de Cerâmica medieval e pós-medieval*. p. 81-89.
- KIRCHNER, H. – *Arqueologia medieval en las afueras del "medievalismo"*. Editorial Crítica.
- MENDES, H.; Pimenta, J. e Valongo, A. (2002) – Cerâmicas medievais provenientes da escavação da Travessa da Lameira, n.º 21. Centro histórico de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5. 1. p. 259-276.
- RODRIGUES, M. A. e Rebanda, N. (1995) – Cerâmicas medievais do povoado desertificado de Santa Cruz da Vilarça. *Actas das 1^{as} Jornadas de Cerâmica medieval e pós-medieval*. p. 101-126.
- TORRES, C.; Gómez, S. e Ferreira, M. B. (1995) – Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos. *Actas das 1^{as} Jornadas de Cerâmica medieval e pós-medieval*. p. 125-134.

Estampa I

1. Caçoila. Bordo exvasado, lábio engrossado e de secção triangular. De corpo troncocónico invertido, apresenta uma carena média marcada e base possivelmente convexa. Na superfície interna foi realizado um brunido pouco homogêneo e a superfície exterior apresenta marcas de fogo. Largura: 116mm; Altura: 45mm; Ø: 246mm; Espessura: 7mm

2. Caçoila. Bordo introvertido, lábio arredondado e carena alta marcada. Apresenta duas linhas horizontais incisadas na face exterior e engobe na totalidade da peça.

Largura: 68mm; Altura: 37mm; Ø: 244mm; Espessura: 13mm

3. Caçoila. Bordo extrovertido e lábio apontado. De corpo troncocónico invertido, carena média suave e base convexa. O interior da peça apresenta brunido pouco uniforme. De cozedura redutora, ostenta duas caneluras sob o lábio.

Largura: 185mm; Altura: 50mm; Ø: 236mm; Espessura: 7mm

4. Caçoila. Bordo extrovertido e lábio engrossado ao exterior. De corpo troncocónico invertido, carena média marcada, base convexa, com pega horizontal, triangular, de secção em cinta. Apresenta vidrado bicromo (verde e melado) e marcas de fogo na superfície exterior. De cozedura mista.

Largura: 240mm; Altura: 65mm; Ø da boca: 244mm; Ø da base: 100mm; Espessura: 8mm

5. Tacho. Bordo extrovertido, lábio em aba e corpo troncocónico invertido. Na superfície exterior apresenta marcas de fogo.

Largura: 150mm; Altura: 82mm; Ø: 254mm; Espessura: 10mm

6. Tacho. Bordo extrovertido, lábio arredondado, corpo troncocónico invertido, pega horizontal, triangular, de secção em cinta. Apresenta engobe alaranjado em ambas as faces, sendo que a superfície exterior, no bojo, ostenta decoração roletada (duas linhas horizontais paralelas). No lábio e na face exterior apresenta marcas de fogo.

Largura: 146mm; Altura: 102mm; Ø: 280mm; Espessura: 15mm

7. Tacho. Bordo introvertido e lábio engrossado ao exterior. De corpo troncocónico invertido, base convexa, fundo com depressão central, pega horizontal, triangular, de secção em cinta. Apresenta marcas de fogo.

Altura: 115mm; Ø da boca: 253mm; Ø da base: 140mm; Espessura: 10mm

8. Pequena taça, de fabrico, possivelmente, norte alentejano. Bordo vertical e lábio arredondado. Apresenta uma canelura larga e profunda abaixo do bordo e cinco traços verticais paralelos e equidistantes no corpo. Revela vestígios de engobe vermelho alaranjado na superfície exterior e brunido em ambas as faces.

Largura: 23mm; Altura: 18mm; Ø: 58mm; Espessura: 5mm

9. Taça. Bordo introvertido, carena alta marcada, corpo semi-circular. Apresenta duas caneluras, uma sob o bordo e outra sob a carena. Abaixo desta encontra-se uma linha horizontal. No interior apresenta engobe acastanhado e no exterior alaranjado.

Largura: 56mm; Altura: 34mm; Ø: 140mm; Espessura: 7mm

10. Tampa. Perfil curvo, sem elemento de prensão, de base plana, bordo extrovertido e lábio apontado.

Altura: 11mm; Ø do bordo: 60mm; Ø da base: 40mm; Espessura: 4mm

11. Tampa. Perfil curvo, bordo extrovertido, lábio arredondado e engobado em ambas as faces.

Altura: 21mm; Largura: 97mm; Ø: 140mm; Espessura: 9mm

12. Tampa. Bordo extrovertido e lábio apontado, com engobe alaranjado em ambas as faces.

Largura: 51mm; Altura: 12mm; Ø: 92mm; Espessura: 11mm

Estampa II

13. Panela. Bordo exvasado, lábio arredondado e corpo de paredes convexas. Apresenta engobe escuro.

Largura: 123mm; Altura: 90mm; Ø: 128mm; Espessura: 6mm

14. Panela. Bordo vertical e lábio plano. Apresenta em ambas as faces engobe vermelho alaranjado e uma canelura junto ao bordo, na superfície externa.

Largura: 108mm; Altura: 57mm; Ø: 142mm; Espessura: 13mm

15. Panela. Bordo vertical e lábio plano. Apresenta engobe no interior e vidrado no exterior, com uma canelura sob o bordo.

Largura: 65mm; Altura: 46mm; Ø: 146mm; Espessura: 15mm

16. Panela. Bordo introvertido, lábio arredondado, asa vertical com uma nervura central. Apresenta marcas de fogo no exterior.

Largura: 162mm; Altura: 28mm; Ø: 146mm; Espessura: 5mm

17. Cântaro. Bordo ligeiramente extrovertido e lábio triangular. Apresenta-se engobado nas duas faces. Devido a alterações ocorridas durante a cozedura o tom alaranjado inicial varia entre o laranja e o cinzento.

Largura: 110mm; Altura: 54mm; Ø: 52mm; Espessura: 4mm

18. Jarro, de fabrico, possivelmente, norte alentejano. Apresenta bordo vertical, lábio arredondado e uma nervura abaixo do lábio. Sobre o engobe que cobre a totalidade da peça foi realizado um brunido na face exterior, descrevendo linhas paralelas que se unem no topo em arco.

Largura: 45mm; Altura: 39mm; Ø: 106mm; Espessura: 11mm

19. Cântaro. Bordo ligeiramente extrovertido, lábio plano, asa vertical, de secção elíptica e colo alto troncocónico invertido. Apresenta engobe em ambas as faces e três caneluras no exterior, ao nível do arranque da asa.

Largura: 87mm; Altura: 62mm; Ø: 83mm; Espessura: 5mm

20. Pote, de fabrico, possivelmente, norte alentejano. Apresenta bordo extrovertido e lábio arredondado. A peça foi engobada em ambas as superfícies, tendo sido brunido na face exterior.

Largura: 52mm; Altura: 28mm; Ø: 130mm; Espessura: 4mm

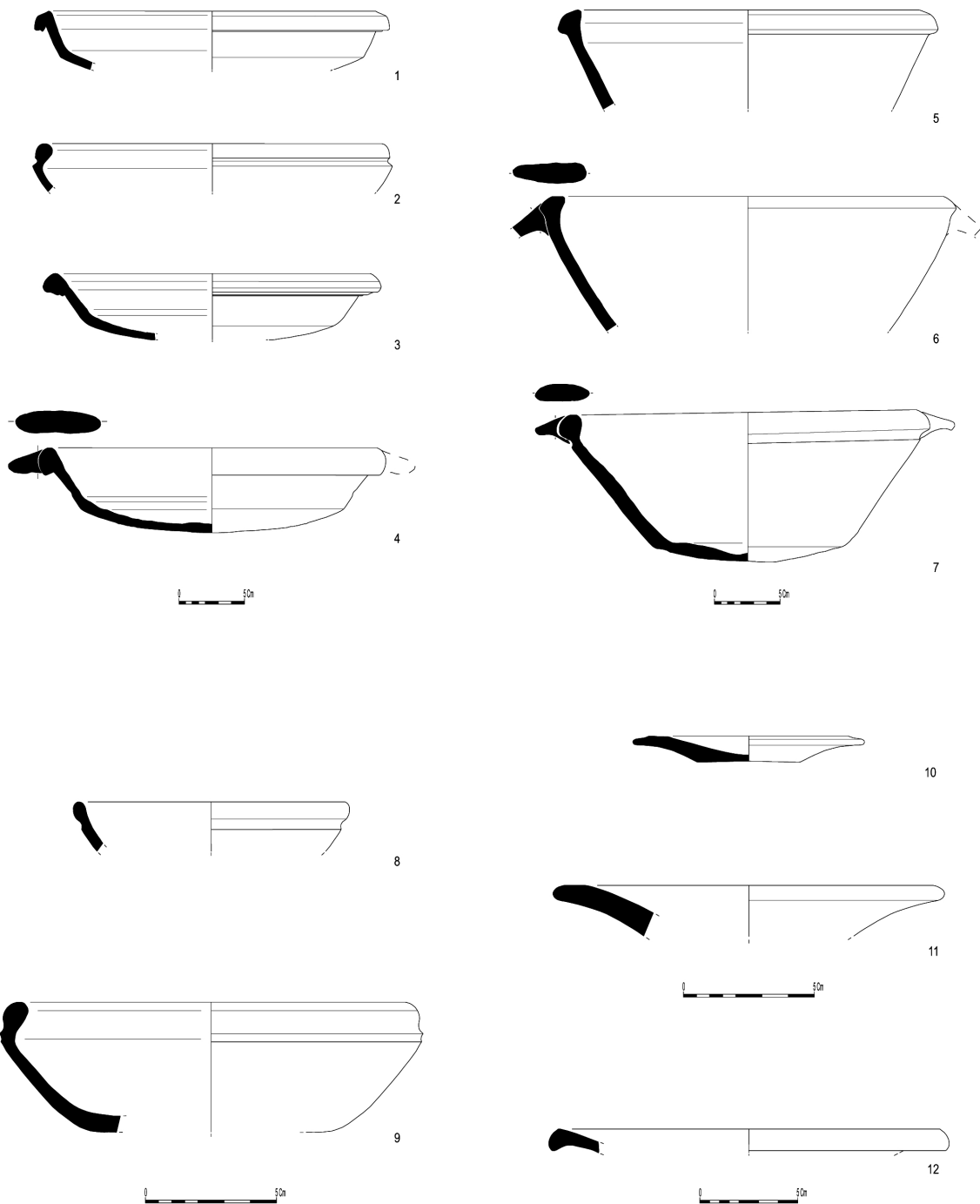
21. Redoma, de fabrico, possivelmente, norte alentejano. Bordo extrovertido e lábio arredondado. Apresenta engobe em ambas as faces, brunido na face externa e uma canelura abaixo do lábio.

Altura: 30mm; Largura: 45mm; Ø da base: 62mm; Espessura: 4mm

22. Taça. Bordo extrovertido e lábio arredondado. Ao nível do lábio apresenta decoração incisa denteada. No corpo exterior ostenta uma nervura e indícios de decoração por pressão, sendo engobada em ambas as superfícies.

Largura: 50mm; Altura: 38mm; Ø: 112mm; Espessura: 46mm

Estampa I



Estampa II

